O FUTURO DO MERCADO AUTOMOTIVO NO BRASIL

Foi lançado o mais profundo estudo prospectivo sobre o setor automotivo no Brasil. Produzido pelo observatório Automotive Brazil, o estudo intitulado "Cenários de Futuro e suas Implicações na Revolução Tecnológica e de Consumo" indica possíveis caminhos para a evolução do setor automotivo até o ano de 2025.

A evolução tecnológica do automóvel global, combinada com as mudanças de comportamento do consumidor e com as condições econômicas do Brasil desenham um cenário extremamente desafiador, até 2025, para a cadeia produtiva. Nos próximos anos, os executivos do setor terão que tomar decisões e traçar estratégias de negócios num ambiente de alta incerteza. Além disso, há necessidade de tratar, de maneira adequada, as áreas críticas da agenda de curto e médio prazos do setor no país.

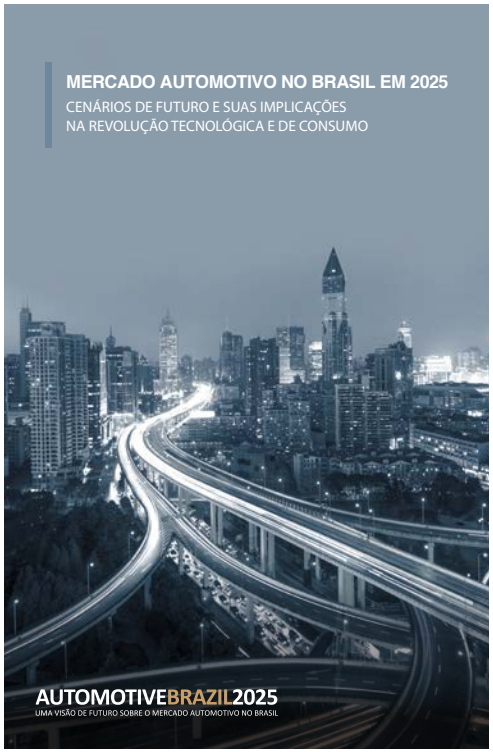
Há menos que o governo, as montadoras, os fabricantes de autopeças e os revendedores reconheçam as profundas mudanças que ocorrerão no mercado e atuem de forma cooperada e coordenada, o setor não conseguirá se manter competitivo e já corre um risco muito alto de ser relevado a um segundo plano no cenário automobilístico global.

Um dos grandes problemas é que "Muitas empresas acreditam que, superada a crise, a indústria automobilística brasileira voltará a ser como antes – o que é um grande equívoco. Está ocorrendo uma grande transformação e o mercado de automóveis será bem diferente nos próximos 10 anos, com novos players, novas tendências de consumo e grandes mudanças tecnológicas", declara Paulo Cardamone, um dos coordenadores do estudo.

Seguem algumas das principais incertezas-críticas relacionadas a 7 temas que definirão o futuro da indústria automobilística no Brasil até o ano de 2025:

• TECNOLOGIA:

A competição entre montadoras se intensificará, impulsionando a velocidade de incorporação tecnológica nos automóveis fabricados no Brasil, com foco em eficiência energética, segurança veicular e conectividade. A cadeia de suprimentos local terá grandes dificuldades para atender aos níveis de investimentos necessários para acompanhar a revolução tecnológica global e é provável que ocorra uma forte consolidação dos Tier's 2 e 3. Há também o risco elevado de aumento da participação de componentes importados nos veículos, o que tende a aumentar a participação das empresas de capital estrangeiro, desnacionalizando fortemente o setor. Independentemente da legislação, 80% dos veículos vendidos em 2025 deverão ser equipados com sistemas avançados de conectividade devido à forte demanda dos consumidores por estas soluções.



• CONSUMO:

Novas soluções de "mobilidade sob demanda" se tornarão cada vez mais populares e mais baratas, afetando as vendas da indústria. De acordo com o estudo, sem uma política de competitividade robusta, o volume de mercado em 2025 não alcançará os 3,6 milhões de unidades vendidas em 2012, ou seja, os modelos econométricos de Automotive Brazil não mostram, num horizonte de 10 anos, no melhor dos cenários, a recuperação dos volumes da indústria no mercado interno.

• NÍVEL DE UTILIZAÇÃO DA INDÚSTRIA:

Nos últimos 10 anos, a indústria automobilística brasileira ampliou sua capacidade de produção em 29% e hoje se encontra superdimensionada para o mercado local, com mais de 4,5 milhões de unidades de capacidade instalada. Até 2025, o ritmo da recuperação do poder de consumo do mercado interno será insuficiente para a sustentação da capacidade instalada. Ao longo dos anos, a ociosidade fragilizará as empresas, comprometerá o equilíbrio financeiro da cadeia produtiva e os aproximadamente 300 fornecedores nacionais se reduzirão à metade em 10 anos, devido aos movimentos de aquisição e consolidação no setor.

• REGULAÇÃO:

O Brasil tem respondido tardiamente aos avanços regulatórios legislados nas principais regiões produtoras de veículos do mundo, o que tem comprometido fortemente a competitividade tanto da indústria quanto dos produtos locais. O automóvel brasileiro apresenta uma forte defasagem, quando comparado ao padrão global, no que se refere à eficiência energética – que reduz o nível de emissões de CO2 – e de dispositivos avançados de segurança – que salvam milhares de vidas anualmente. Um exemplo é a regulamentação da inspeção veicular e reciclagem de veículos, cuja norma global ELV 2000, não seguida pelo Brasil, é aplicada na maioria dos países produtores de veículos. A desatenção a estes regulamentos traz como consequência o não atendimento a barreiras não tarifárias, que vão reduzir ainda mais o acesso do Brasil a mercados de exportação.

• PREÇOS:

Os custos crescentes de insumos básicos, incorporação de novas tecnologias e perda de escala produtiva pressionarão para cima os preços dos automóveis até 2025. Automóveis mais caros, por sua vez, desfavorecerão a recuperação do volume de vendas. Uma espiral negativa está se formando e é incontornável, portanto, a racionalização de custos e o estreitamento das margens do setor. Mostra-se urgente a reestruturação tarifária do automóvel para uma composição mais adequada de mix de impostos que considere emissões e idade do veículo e facilite a melhoria da qualidade da frota nacional.

Por outro lado, a oportunidade de monetização dos serviços de dados demandados e advindos dos automóveis conectados pode amenizar estes efeitos. O estudo apresenta uma pesquisa realizada junto a mais de 130 especialistas do setor no Brasil e no exterior, que demostraram falta de visão e entendimento dos executivos locais sobre essa nova onda advinda da conectividade.

• VENDAS:

Até 2025, a competição no mercado de automóveis se dará na arena da inovação tecnológica. A participação de carros de entrada e de baixo conteúdo cairá dos 20% de participação alcançados em 2010 para menos da metade em 2025, enquanto crescerá a demanda por produtos que atendam à nova geração Centennial (Geração Z), ávida por mais sustentabilidade, conectividade e automação nos veículos.

• REDE DE DISTRIBUIÇÃO:

Para sobreviver aos próximos 10 anos, os revendedores terão que mudar sua forma de atuação. A rede de concessionárias se reduzirá consideravelmente. As margens de lucro serão menores para vendas de carros novos, causando maior dependência das receitas de serviços, peças e seminovos nas concessionárias. As divergências entre montadoras e revendedores se intensificarão nos próximos anos, gerando um grande aumento de litígios judiciais. Por outro lado, será necessária a otimização das operações por meio da diversificação de formatos, utilização mais intensiva de tecnologia nos PDV's e, principalmente, da utilização de estratégias de vendas multicanal (físico e virtual), o que exigirá alterações no Marco Legal e, conforme o estudo, o aparecimento de novos players que, capitalizados e com capacidade tecnológica avançada, vão ocupar o espaço de atendimento à nova geração de consumidores de maneira muito mais ágil.

"O conjunto de cenários desenvolvido por nós", destaca Alexandre Ayres, coordenador técnico do estudo, "foi baseado em uma extensa análise retrospectiva sobre a evolução do mercado de automóveis no Brasil, seguida de duas fases de pesquisas quantitativas e qualitativas, onde procurou-se captar a percepção de especialistas de diversas áreas em relação a temas considerados críticos para o futuro do setor e já está sendo utilizado por headquarters locais e do exterior de montadoras, autopeças e instituições financeiras para a elaboração de estratégias de futuro para o setor automobilístico brasileiro".